

# Previsão do PIB brasileiro em 2014 tem duro corte da OCDE

Projetando expansão de 0,3%, entidade alinha-se a apostas domésticas. Governo tende a ser mais otimista

Sonia Filgueiras

sonia.filgueiras@brasileconomico.com.br

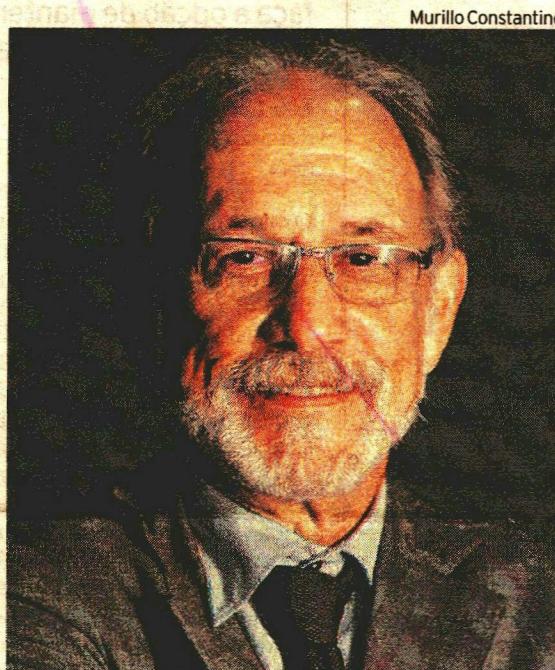
Brasília

A toalha de 2014 parece já estar jogada. O profundo corte na previsão de crescimento brasileiro feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para 2014, de 1,8% projetados em maio, para apenas 0,3%, tem o peso de uma pá de cal. Ao rodar os seus modelos preditivos, a OCDE acabou se alinhando à previsão de 0,33% da mais recente pesquisa Focus do Banco Central (BC), que reúne as expectativas de analistas do mercado financeiro. Apesar disso, o governo não deve endossar o pessimismo.

Também neste mês, o Ministério da Fazenda divulgou uma nova previsão de crescimento, que estará no Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do quarto bimestre de 2014, a ser remetido ao Congresso Nacional, em cumprimento à Lei de Responsabilidade Fiscal. De acordo com uma fonte do governo, a área econômica ainda não fechou o percentual, mas ele tende a ficar em torno de 1%. Ontem, o Ministério da Fazenda não comentou o dado e o ministro da pasta, Guido Mantega, que participou de eventos em São Paulo, informou, no final do dia, que ainda não estava ciente da projeção da OCDE. "Eu não vi a nova projeção da OCDE para o PIB, por isso fica difícil comentar", disse.

Além de ainda acreditar em alguma influência positiva do mercado externo sobre a atividade econômica doméstica e na reação de indicadores internos a partir da melhora no crédito, as projeções federais têm outro dilema: o impacto que qualquer nova projeção terá sobre as contas públicas. Um corte muito elevado na perspectiva de crescimento levaria a uma redução também acentuada nas estimativas de arrecadação, lançando mais dúvidas sobre a capacidade federal de cumprir a meta de superávit fiscal neste ano. Ademais, embora evite fazer qualquer relação com o calendário eleitoral, a prática do governo tem sido a de manter projeções otimistas para os números econômicos.

Mas, na avaliação de economistas de diferentes matizes, o desempenho econômico frustrante em 2014 é inescapável. "Estagnação ou 0,3% é a mesma coisa do ponto



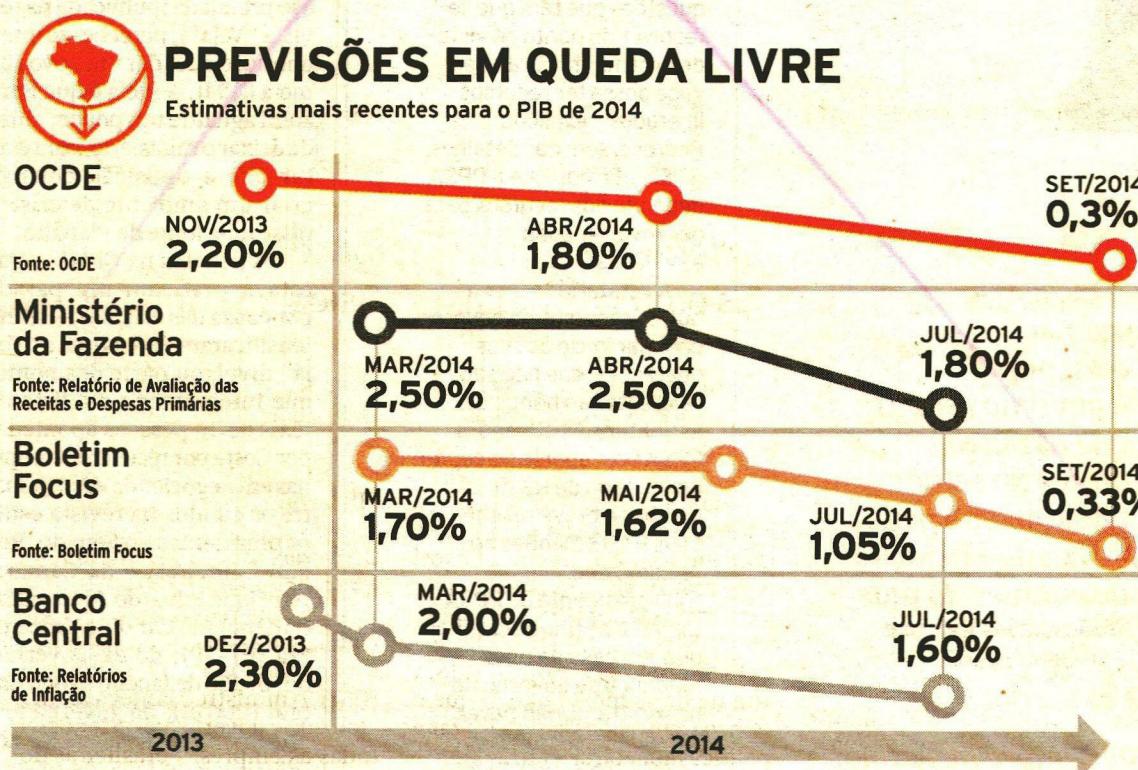
Murillo Constantino



Divulgação

Para José Márcio Camargo e Antônio Correa de Lacerda, o único cenário visível no ano é o de estagnação

**Apesar da projeção da OCDE apontar para expansão de 1,4% para o PIB em 2015, analistas consideram que o futuro depende ainda do câmbio, dos preços administrados e da situação política**



**Economistas de diferentes bases intelectuais são unâimes em dizer que o cenário de desempenho frustrante da atividade econômica neste ano é inescapável**

de vista das projeções econômicas", diz o economista-chefe da Opus Investimentos e professor da PUC-RJ, José Márcio Camargo, que trabalha com crescimento zero neste ano. "Em 2014, o crescimento já está mesmo comprometido. Mas para o ano que vem, há chances de um desempenho melhor", diz o consultor e professor de economia da PUC-SP, Antônio Correa de Lacerda.

Para 2015, a OCDE estima expansão de 1,4% para o PIB brasileiro — contra 2,2% estimados anteriormente. Os analistas ouvidos pelo BC trabalham com uma previsão de 1,04%. Camargo e Lacerda não arriscam previsões para o próximo ano. "Tudo vai depender de quem ganhará a eleição e o que fará. Eu só farei alguma projeção em novembro, com este cenário defini-

do", diz José Márcio Camargo. "O crescimento é uma variável de resultado. Alguns ajustes conjunturais terão que ser feitos, nos preços administrados e no câmbio, por exemplo. O crescimento depende da intensidade e forma como estes ajustes serão feitos", diz Lacerda.

As previsões da OCDE não são infalíveis, mas também não costumam divergir muito da realidade. Para se ter uma ideia, em setembro de 2013 a entidade trabalhava com uma previsão de 2,9% para o crescimento do PIB brasileiro daquele ano. Ajustou o dado para 2,5% em novembro e acabou acertando na mosca após a revisão do IBGE. Desta vez, o corte ocorreu antes e foi mais acentuado. A queda recente na taxa de investimentos da economia brasileira foi especificamente citada como o fator determinante na revisão.

"O Brasil caiu em recessão no primeiro semestre. O investimento tem sido particularmente fraco, minado pelas incertezas sobre a direção da política após as eleições e a necessidade de que a política monetária controle a inflação acima da meta", informou a OCDE no relatório. Sobre a previsão para 2015, a entidade informou que "uma recuperação moderada pode ser esperada" embora "a projeção é que o crescimento permaneça abaixo do potencial".